



Centros de Dados em Portugal: Infra-estrutura Estratégica ou Nova Dependência Digital?

Publicado em 2026-05-21 12:32:00



BOX DE FACTOS

- O Governo aprovou o Plano Nacional de Centros de Dados e o respectivo Plano de Acção 2026-2027.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de dados e inteligência artificial.

- Grandes projectos em Sines, envolvendo Microsoft, Start Campus, Nscale e NVIDIA, colocam Portugal no mapa europeu da computação intensiva.
- O risco estratégico é evidente: Portugal pode tornar-se apenas território, energia e licenciamento rápido para infra-estruturas controladas por terceiros.
- A oportunidade só será verdadeiramente nacional se houver soberania digital, capacidade computacional pública, transferência tecnológica, formação avançada e benefício directo para empresas, universidades e cidadãos portugueses.



Estratégica ou Nova Dependência Digital?

Portugal não pode limitar-se a ser uma tomada eléctrica atlântica para os impérios digitais do século XXI. Centros de dados podem ser uma oportunidade histórica, mas apenas se forem acompanhados por soberania tecnológica, inteligência nacional e capacidade própria de criação de valor.

Há momentos em que uma boa notícia deve ser recebida com prudência, não com fanfarra. O **PNCD - Plano Nacional de Centros de Dados**, recentemente aprovado pelo Governo, é apresentado como uma grande oportunidade para colocar Portugal no centro da economia europeia dos dados, da computação intensiva e da inteligência artificial. E, em parte, pode sê-lo.

Portugal tem vantagens reais: localização atlântica, cabos submarinos, energia renovável, estabilidade geográfica, ligação entre continentes e algum capital humano qualificado. Sines, em particular, tornou-se uma peça

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas é precisamente por isso que devemos pensar melhor. Quando uma infra-estrutura se torna estratégica, deixa de ser apenas um negócio. Passa a ser soberania. Passa a ser poder. Passa a ser futuro.

A sedução dos grandes números

O discurso oficial e empresarial fala em milhares de milhões de euros, dezenas de milhares de empregos, investimento estrangeiro, aceleração de licenciamento, prazos máximos de decisão, articulação com a rede eléctrica e criação de um ecossistema nacional de serviços.

Tudo isto soa bem. Tão bem que quase se ouve ao fundo a música institucional dos powerpoints ministeriais, sempre acompanhada daquela palavra mágica que em Portugal serve para abrir todas as portas e fechar quase todas as perguntas: **investimento.**

Mas convém perguntar: investimento para quem? Valor acrescentado para quem? Controlo estratégico por quem? Propriedade intelectual onde? Capacidade computacional ao serviço de quem?

Porque uma coisa é Portugal atrair centros de dados. Outra, muito diferente, é Portugal construir uma verdadeira

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

energia

O perigo é simples: Portugal pode transformar-se numa plataforma física para infra-estruturas digitais de terceiros. Fornecemos terreno, ligação eléctrica, licenciamento acelerado, apoio institucional, eventualmente mecanismos de redução de risco para o capital privado, e no fim ficamos com a parte menos nobre da cadeia de valor.

Ficamos com o betão. Ficamos com os cabos. Ficamos com os consumos energéticos. Ficamos com a pressão sobre o território. Ficamos com alguns empregos de construção, manutenção, segurança, operação e serviços associados.

Mas a inteligência, os modelos, os algoritmos, os dados, a propriedade intelectual, os serviços de alto valor, a facturação global e o poder estratégico podem continuar fora do país.

E então teremos criado, com grande pompa, não uma política de soberania digital, mas uma nova forma de dependência: mais sofisticada, mais brilhante, mais tecnológica, mas ainda dependência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

território português não significa automaticamente soberania digital portuguesa.

A soberania digital exige controlo sobre dados críticos, capacidade computacional própria, cibersegurança, software auditável, infra-estruturas públicas resilientes, investigação aplicada, empresas nacionais fortes e modelos de inteligência artificial capazes de servir a língua, a cultura, a ciência, a administração pública e a economia real do país.

Sem isso, podemos ter edifícios cheios de GPUs, mas vazios de estratégia nacional. Podemos ter máquinas poderosíssimas a trabalhar em Portugal, mas não para Portugal. Podemos ter energia portuguesa a alimentar inteligência estrangeira, enquanto as nossas escolas, hospitais, universidades, tribunais, PME e laboratórios continuam tecnologicamente dependentes, subfinanciados e presos à velha burocracia.

Seria a versão digital da antiga tragédia portuguesa: exportamos matéria-prima, importamos valor acrescentado. Antes era minério, cortiça, mão-de-obra ou território turístico. Agora pode ser energia, localização e silêncio estratégico.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal quer ser dono de parte da inteligência computacional do futuro, ou apenas senhorio com quadro eléctrico?

Esta é a pergunta que devia estar no centro do debate público. Não basta anunciar projectos. Não basta acelerar licenciamentos. Não basta criar portais para investidores. Não basta receber hyperscalers com tapete vermelho.

É preciso garantir que a infra-estrutura instalada em Portugal deixa capacidade, conhecimento, soberania e valor estrutural no país. Caso contrário, estaremos apenas a construir catedrais digitais onde outros rezam, outros mandam e outros recolhem o dízimo.

As contrapartidas que Portugal devia exigir

Se Portugal vai disponibilizar território, energia, facilitação administrativa e enquadramento público favorável, então deve exigir contrapartidas claras. Não como gesto hostil ao investimento estrangeiro, mas como acto elementar de inteligência estratégica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

uma capacidade real, utilizável, programada e auditável.

Segundo, deve ser criado um programa nacional de inteligência artificial soberana, assente em modelos abertos, dados públicos devidamente tratados, respeito ético, transparência e aplicações concretas na saúde, justiça, educação, ciência, administração pública e indústria.

Terceiro, deve haver transferência tecnológica obrigatória. Não basta contratar serviços locais de segurança, limpeza, construção ou manutenção. É necessário formar engenheiros, arquitectos de cloud, especialistas em IA, técnicos de redes, peritos em cibersegurança, investigadores e empresas nacionais capazes de subir na cadeia de valor.

Quarto, deve haver energia renovável adicional. Não se pode apenas capturar capacidade eléctrica existente e apresentá-la como verde. Projectos desta escala devem contribuir para aumentar a produção limpa, reforçar a rede e não prejudicar consumidores, indústria local ou objectivos ambientais.

Quinto, deve haver uma política séria de reutilização de calor, gestão da água, integração territorial e reversibilidade das infra-estruturas. O território não pode ser tratado como se fosse uma folha branca ao serviço da pressa financeira.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

designar dependência invisível.

O papel do Estado: facilitador ou guardião?

O Estado português tem aqui uma escolha. Pode limitar-se a ser facilitador de investimento, desbloqueador de licenças, gestor de contactos e animador de conferências. Ou pode ser guardião do interesse nacional.

A primeira opção é fácil. Produz comunicados, fotografias, manchetes e discursos. A segunda é difícil. Obriga a pensar a vinte anos, a negociar com firmeza, a perceber tecnologia, a proteger soberania e a resistir à tentação provinciana de aceitar qualquer investimento como se fosse maná caído do céu.

Portugal precisa de investimento, sim. Mas precisa ainda mais de critério. Um país pobre em estratégia aceita tudo. Um país maduro escolhe, exige, orienta e transforma.

A oportunidade ainda existe

Seria errado rejeitar esta oportunidade. Os centros de dados são uma peça fundamental da economia digital. A inteligência artificial, a ciência dos dados, a simulação, a medicina personalizada, a indústria avançada, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

contrário, deve entrar nele com inteligência, ambição e visão estratégica.

Mas entrar não é ajoelhar. Receber investimento não é abdicar de soberania. Acelerar licenciamento não é suspender pensamento crítico. Falar de futuro não é entregar o futuro a quem já controla quase tudo.

A oportunidade existe se Portugal conseguir transformar estes projectos numa alavanca para criar uma verdadeira economia nacional dos dados, da computação e da inteligência artificial. Caso contrário, será apenas mais uma estação de serviço da globalização tecnológica: limpa, moderna, iluminada, mas onde os grandes camiões passam, abastecem e seguem viagem.

Recomendação final

A recomendação é clara: Portugal deve apoiar o Plano Nacional de Centros de Dados, mas deve condicioná-lo a uma estratégia de soberania digital verificável.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

instituições portuguesas?

- Que conhecimento técnico será transferido para universidades, politécnicos e empresas nacionais?
- Que parte da cadeia de valor será capturada por empresas portuguesas?
- Que garantias existem sobre energia, água, território e impacto ambiental?
- Que protecção existe para dados críticos e serviços essenciais?
- Que mecanismos impedem Portugal de ser apenas infra-estrutura física ao serviço de soberanias digitais alheias?

Sem estas respostas, o país deve desconfiar. Não por medo da tecnologia, mas precisamente por compreender a sua importância.

A tecnologia é demasiado importante para ser deixada apenas aos investidores. A soberania é demasiado preciosa para ser embrulhada em brochuras comerciais. E o futuro é demasiado sério para ser vendido em parcelas industriais com ligação à rede eléctrica.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cérebros artificiais dos outros. Ou pode usar essa tomada para acender finalmente uma inteligência tecnológica própria.

A diferença entre as duas opções chama-se visão. E a visão, infelizmente, não se instala por decreto, nem se compra por megawatt.

Constrói-se com pensamento livre, exigência pública, competência técnica, coragem política e uma ideia simples: um país pequeno não pode dar-se ao luxo de ser ingênuo.

Centros de dados, sim.

Colonização digital com fita azul e discurso ministerial, não.

Referências e contexto

- Resolução do Conselho de Ministros n.º 70/2026 — Plano Nacional de Centros de Dados
- Governo — Perguntas e Respostas sobre o Plano Nacional de Dados

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

em Sines

Artigo de opinião por : **Francisco Gonçalves**

Fragmentos do Caos — pensamento crítico, tecnologia, cidadania e futuro.

Artigo desenvolvido em co-autoria editorial com **Augustus Veritas**.

A velha dependência com roupa nova

Há ainda uma suspeita legítima que não deve ser afastada com ingenuidade: a de que esta grande corrida aos centros de dados possa tornar-se apenas mais uma forma de consolidar a dependência portuguesa de grandes fornecedores tecnológicos globais.

Durante décadas, Portugal comprou software, licenças, sistemas operativos, plataformas de produtividade, serviços cloud e soluções empresariais quase sempre aos mesmos gigantes. Muitas vezes sem estratégia própria, sem alternativas nacionais, sem verdadeira capacidade negocial e sem uma visão de soberania tecnológica.

A Microsoft, como outros grandes operadores globais, continua a vender software e serviços em Portugal com a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O risco agora é que, com a desculpa da inteligência artificial e da infra-estrutura crítica, se passe para uma nova fase: já não compramos apenas o software; damos também o território, a energia, os cabos, os licenciamentos acelerados e o enquadramento político para que a dependência se torne ainda mais profunda.

A questão não é demonizar a Microsoft, a NVIDIA, a Amazon, a Google ou qualquer outro gigante tecnológico. A questão é saber se Portugal tem uma estratégia própria ou se continua apenas a comportar-se como cliente obediente, fornecedor de espaço físico e consumidor entusiasmado de soluções desenhadas, controladas e facturadas a partir de fora.

Uma política tecnológica nacional não pode confundir parceria com submissão, nem investimento estrangeiro com abdicação estratégica. Porque um país que compra tudo feito, aloja tudo dos outros e pensa pouco por si próprio, pode acabar muito moderno por fora e profundamente dependente por dentro.

Francisco Gonçalves (2026)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cenário muda, os cartazes mudam, os nomes mudam, a tecnologia muda — mas o mecanismo repete-se demasiadas vezes.

Antes era a modernização administrativa. Depois foram os fundos europeus. Depois a sociedade da informação. Depois a inovação. Depois a cloud. Agora a inteligência artificial e os centros de dados.

E quase sempre a mesma peça: grandes palavras, grandes fotografias, grandes promessas — e pouca exigência sobre **quem fica dono do valor criado**.

A questão não é ser contra os centros de dados. A questão é ser contra mais uma vaga de entusiasmo provinciano em que Portugal oferece o palco, a electricidade e a reverência, enquanto outros escrevem o guião, cobram os bilhetes e levam a bilheteira.

Este circo já passou muitas vezes pela aldeia. Só mudaram os palhaços — e agora usam fato azul-escuro, crachá de conferência e falam em *ecosystem*.

Francisco Gonçalves

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)